GLOSA PARA SAMBA, FADO E UM POUCO MAIS

BETINA RUIZ

Já mandei subir o piano pra Mangueira

Que é pra ver se alguém se embala ao ronco da cuíca

Zabumba e duas tumbas carrego sempre na mão

Chora flauta, chora pinho

Eu tenho um pandeiro

Meu coração dispara feito um tamborim

Há um violão

Um violão

Quem sou eu pra viver sem violão

Que as platinelas saltitam pra ti donzela

Apure o tamborim

Será que ela mexe o chocalho ou é o chocalho que mexe com ela

Faço-lhe um concerto de flauta

Que canta como dobra um sino

Dou um fora no violino

Na caixinha um novo amigo

Viola na rua, a cantar

Não posso passar sem meu violão

Nas mãos a mesma viola onde eu gravei o teu nome

No corpo do bendito violão

Corro os dedos na viola, contemplando a lua cheia

A viola me redime

Como guitarra grunge

Corro e abraço meu pinho

Meu pinho toca forte

Nas cordas do meu cavaquinho

É tocado pelas cordas de uma viola

Se pego na viola e ela desafina

Minha viola vai pro fundo do baú

Violão, até um dia

Uma mulher é como uma guitarra

Guitarra triste, ouvi dizer

Uma guitarra com garra

E a guitarra enfeitada com fitinhas

Tem na sala uma guitarra

Ó guitarra, por favor

Tomou a voz nas mãos

E lá foi com a guitarra

Mãos doloridas na guitarra

Uma guitarra partida

Uma guitarra a trinar

A guitarra e a saudade

Que ao som da guitarra o fado viveu

A tocar a concertina, a dançar o solidó

Com o harmónio o zambumba mais os pratos

Nem viola nem guitarra

Que esta guitarra

Guitarra e fruta, meu navio

Já dança o fórró e arrisca no pandeiro

Palpitam sinos na veia

Choram guitarras

E ouve o choro de guitarras

Da guitarra a soluçar

Soa a guitarra cantando

Quando em noites de guitarra e de farra

O silêncio da guitarra

Calaram-se as guitarradas

Eu só sei tocar meu tamborzinho e olhe lá

Tenho a voz de uma cigarra

Nem posso ouvir clarim

Glosa para samba, fado e um pouco mais

Betina Ruiz

Laboratório de Práticas Textuais Experimentais

Faculdade de Letras da Universidade do Porto 2018

Procedimento

Cento de letras de fado e samba contendo referências a instrumentos musicais

Fontes

Já mandei subir o piano pra Mangueira (“Piano na Mangueira”, Chico Buarque)

Que é pra ver se alguém se embala ao ronco da cuíca (“Partido alto”, Chico Buarque)

Zabumba e duas tumbas carrego sempre na mão (“Faraó”, Carlinhos Brown)

Chora flauta, chora pinho (“Falando de amor”, Tom Jobim)

Eu tenho um pandeiro (“Noite dos mascarados”, Chico Buarque)

Meu coração dispara feito um tamborim (“O tímido e a manequim”, Paulinho da Viola)

Há um violão (“Hawaii e you”, Carlinhos Brown)

Um violão (“A Rita”, Chico Buarque)

Quem sou eu pra viver sem violão (“Estou marcado”, Paulinho da Viola)

Que as platinelas saltitam pra ti donzela (“Pandeiro-deiro”, Carlinhos Brown)

Apure o tamborim (“De volta ao samba”, Chico Buarque)

Será que ela mexe o chocalho ou é o chocalho que mexe com ela (“Morena de Angola”, Chico Buarque)

Viola na rua, a cantar (“Roda viva”, Chico Buarque)

Faço-lhe um concerto de flauta (“Essa moça tá diferente”, Chico Buarque)

Que canta como dobra um sino (“Angélica”, Chico Buarque)

Dou um fora no violino (“Agora falando sério”, Chico Buarque)

Na caixinha um novo amigo (“Com açúcar, com afeto”, Chico Buarque)

Não posso passar sem meu violão (“Meu violão”, Paulinho da Viola)

Nas mãos a mesma viola onde eu gravei o teu nome (“Coisas do mundo, minha nega”, Paulinho da Viola)

No corpo do bendito violão (“Samba e amor”, Chico Buarque)

Corro os dedos na viola, contemplando a lua cheia (“Dança da solidão”, Paulinho da Viola)

A viola me redime (“Paratodos”, Chico Buarque)

Como guitarra grunge (“Mares de ti”, Carlinhos Brown)

Corro e abraço meu pinho (“Meu violão”, Paulinho da Viola)

Meu pinho toca forte (“Olê, olá”, Chico Buarque)

Nas cordas do meu cavaquinho (“Eu canto samba”, Paulinho da Viola)

É tocado pelas cordas de uma viola (“Quando bate uma saudade”, Paulinho da Viola)

Se pego na viola e ela desafina (“Roendo as unhas”, Paulinho da Viola)

Minha viola vai pro fundo do baú (“Guardei minha viola”, Paulinho da Viola)

Violão, até um dia (“Tudo se transformou”, Paulinho da Viola)

Uma mulher é como uma guitarra (“Guitarra triste”, Álvaro Duarte Simões)

Guitarra triste, ouvi dizer (“Ouvi dizer que me esqueceste”, Jorge Fernando)

Uma guitarra com garra (“Fado de Pessoa”, João Pedro Pais)

E a guitarra enfeitada com fitinhas (“Vou dar de beber à alegria”, Eduardo Damas e Manuel Adolfo da Maia Paião)

Tem na sala uma guitarra (“A Casa da Mariquinha”, Alfredo Marceneiro)

Ó guitarra, por favor (“Guitarra”, Jorge Fernando)

Tomou a voz nas mãos (“Sou do fado, sou fadista”, Jorge Fernando)

E lá foi com a guitarra (“Fado Xuxu”, Amadeu do Vale)

Mãos doloridas na guitarra (“Fado falado”, Aníbal Nazaré e Nelson de Barros)

Uma guitarra partida (“Ai Chico Chico”, Jorge Elofsson)

Uma guitarra a trinar (“A fadista”, Manuela de Freitas)

A guitarra e a saudade (“Talvez se chame saudades”, Francisco Viana)

Que ao som da guitarra o fado viveu (“Júlia florista”, Manuel de Almeida)

A tocar a concertina, a dançar o solidó (“Tiro liro liro”, José Mário Branco)

Com o harmónio o zambumba mais os pratos (“Bailinho à portuguesa”, Alberto Janes)

Nem viola nem guitarra (“Vou dar de beber à dor”, Alberto Janes)

Que esta guitarra (“Alamares”, Jaime Santos)

Guitarra e fruta, meu navio (“Abril”, Manuel Alegre)

Já dança o fórró e arrisca no pandeiro (“O meu amor foi para o Brasil”, Carlos Tê)

Palpitam sinos na veia (“Tens os olhos de Deus”, Pedro Abrunhosa)

Choram guitarras (“Tudo isto é fado”, Aníbal Nazaré e F. Carvalho)

E ouve o choro de guitarras (“Esta cidade e o fado”, Carlos Baleia e Daniel Gouveia)

Da guitarra a soluçar (“Ai Mouraria”, Amadeu do Vale)

Soa a guitarra cantando (“Fado da Adiça”, Armando Augusto Freire)

Quando em noites de guitarra e de farra (“Vou dar de beber à dor”, Alberto Janes)

O silêncio da guitarra (“O silêncio da guitarra”, José Luís Gordo e Zé Negro)

Calaram-se as guitarradas (“Há festa na Mouraria”, Alfredo Marceneiro)

Eu só sei tocar meu tamborzinho e olhe lá (“Ciranda do incentivo”, Karina Buhr)

Tenha a voz de uma cigarra (“Alamares”, Jaime Santos)

Nem posso ouvir clarim (“Até o fim”, Chico Buarque)